

Formas de tratamento em português

Víctor Lara Bermejo 

E-mail: victor.lara@gm.uca.es

Universidade de Cádiz. Cádiz, Espanha.

As formas de tratamento continuam a ser um dos tópicos mais controversos e investigados na linguística portuguesa da atualidade, pois representam uma evidente complexidade histórica, gramatical, pragmática, geográfica e sociolinguística. A dificuldade reside também no facto de a sua percepção mudar ao longo dos anos, razão pela qual se prestam a ciclos evolutivos recorrentes, onde uma forma começa a conotar o oposto do que era no início, desaparece e força o aparecimento de uma nova estratégia. Além disso, ao longo deste ciclo, podemos testemunhar a especialização de uma determinada forma numa área geográfica ou num perfil social específico. Não é em vão que o estudo das utilizações dos tratamentos no campo lusófono atrai numerosos contributos e, neste número especial, apresentamos os últimos avanços neste sentido.

Este dossiê é composto por cinco artigos em três idiomas diferentes, provenientes da celebração do IV Congresso Internacional de Formas e Fórmulas de Tratamento no Mundo Hispano-Luso, realizado em Cádiz de 7 a 9 de junho de 2023. Dois deles pertencem aos oradores convidados, os quais apresentaram os mais recentes desenvolvimentos nos tratamentos portugueses em duas áreas pouco investigadas: Madeira e Cabinda.

Por um lado, Aline Bazenga, da Universidade da Madeira, fala sobre as preferências e atitudes dos falantes madeirenses quando tratam um amplo espectro da sociedade: amigos, familiares e cônjuges (*Formas de Tratamento – amigos, pais, casal – em português europeu: preferências e atitudes de falantes da Ilha da Madeira, Portugal*). Segundo a autora, o plano amoroso presta-se mais a formas nominais mais íntimas e de menor

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Editor convidado

Víctor Lara Bermejo

Como citar:

LARA BERMEJO,
Víctor. Dossiê “Formas
de tratamento em
português”. Revista
LaborHistórico, v.10, n.2,
e64998, 2024. doi:
[https://doi.org/10.24206/
lh.v10i2.e64998](https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.e64998)

distância, algo que há muito tempo não era necessariamente a norma, como ainda se reflete no tratamento no mundo familiar.

Por outro lado, Miguel Gutiérrez Maté, da Universität Augsburg, explica o sistema de tratamento para bilingues de português e kikongo, no enclave angolano de Cabinda (*The emergence of the “você + 2SG”-paradigm in Angola based on the case of Kikongo-Portuguese bilinguals*), sublinhando a existência de uma Romania bantu, pois há evidências claras do mesmo comportamento em espanhol em contato com dita família linguística.

O número especial segue com outras três contribuições que se focam na televisão e na política, bem como nos manuais de Português Língua Estrangeira (PLE). Assim, Marcela Faria, da Universidade do Porto, discute a forma como políticos e jornalistas se tratam em quase trinta debates televisivos em 2022, a partir da campanha eleitoral realizada em Portugal nesse ano (*Formas de Tratamento em PEC em debates eleitorais – observações sobre 29 debates televisivos das legislativas 2022*). A autora sugere que mesmo nesses contextos a solidariedade pragmática começa a surgir timidamente, pois o tratamento é mais direto através do nome próprio do interlocutor, ao qual às vezes é acrescentado o título, mas não necessariamente com o uso do sobrenome. Esse fato ainda coexiste com estratégias delocutivas para evitar pronomes específicos.

A temática eleitoral é mantida com um artigo conjunto de Maria Aldina Marques, da Universidade do Minho, e de Isabel Margarida Duarte, da Universidade do Porto, onde se compara a utilização dos tratamentos e como o paradigma tem evoluído em todas as eleições legislativas que Portugal tem testemunhado desde o estabelecimento da democracia em 1975 até às eleições de 2022 (*Formas de tratamento e papéis sociodiscursivos em debates políticos televisivos Portugal: 1975-2022*). Os resultados corroboram o que foi dito acima, uma vez que parece haver uma tendência muito gradual para a solidariedade pragmática, embora de forma muito incipiente e sempre se ajustando às exigências do contexto.

O número especial encerra com uma contribuição dos professores Ana Belén Cao Míguez e Ignacio Vázquez Diéguez, da Universidade da Beira Interior, em colaboração com Noemí Pérez Pérez e Francisco Enríquez, da Universidade de Aveiro, sobre o ensino dos tratamentos nos manuais PLE (*Análisis de las formas y fórmulas de tratamiento en manuales de portugués como segunda lengua o lengua extranjera destinados a aprendientes españoles*). Através de uma comparação de vários manuais, os autores mostram as desigualdades que existem dependendo do livro escolhido. Além disso, como se vê na sua análise, nem sempre há uma comparação pragmática com a língua materna do aluno e a ênfase que, na sua opinião, deveria ser dada à pragmática portuguesa não se realiza em praticamente nenhuma delas.

Sem dúvida, a edição que propomos inclui um estudo exaustivo de um dos fenómenos mais complexos (se não o mais) da linguística portuguesa. Nesta conseguimos reunir diferentes perspetivas para compreender todos os detalhes que surgem

na utilização dos tratamentos em português. Não é apenas muito útil para os alunos de português europeu, que muitas vezes ficam sobrecarregados com a complexidade do sistema, mas para os próprios professores e criadores de conteúdos, que devem saber transmitir esta realidade pragmática de uma forma acessível. Da mesma forma, a realidade política e televisiva permitiu-nos sustentar a tendência tímida que hoje caracteriza Portugal, com uma preferência gradual pela solidariedade pragmática mesmo em áreas de mudança muito mais estereotipadas e reticentes.

Da mesma forma, este número especial revela dados até agora inéditos e desconhecidos sobre outras variedades que estão mais sub-representadas nos estudos lusófonos. Os resultados do arquipélago madeirense apontam mais uma vez para o caminho da solidariedade pragmática mesmo nas variedades insulares, embora isso ocorra sobretudo na utilização de fórmulas nominais. Este facto é relevante porque confirma o que aconteceu em Espanha, por exemplo, onde as formas nominais solidárias foram o prelúdio das formas pronominais. Bazenga descobre que acontece a mesma coisa, sendo primeiro a esfera íntima em que surge primeiro, seguida de outras como a amizade ou a família.

Contudo, não podemos ignorar a força do contacto linguístico na utilização de tratamentos em áreas que, embora tenham o português europeu como ideal linguístico, se caracterizam pela presença de outras línguas de uso comum. É o caso da família Bantu em África, pois, como demonstra Gutiérrez Maté, as complexidades apresentadas pelos portugueses da área são replicadas nos espanhóis dessa área.